

# Luís Carlos Pimenta Gonçalves

## **As representações de um episódio histórico: o massacre de “Saint-Barthélémy” de 1572 em alguns autores franceses**

O fenómeno da recomposição da história pelo romance surge, segundo Georges Lukacs<sup>1</sup>, na literatura ocidental nos primórdios do séc. XIX com as *Waverley Novels* de Walter Scott (1814). Antes dessa data teria havido ficções apresentando temas e cenários históricos cuja preocupação se centrava no carácter curioso e excêntrico dos acontecimentos relatados. Esta opinião, apesar de criticável por cingir ao séc. XIX o surgimento do romance histórico, acaba por sublinhar uma realidade sociológica incontornável: a extrema popularidade do romance baseado em factos históricos a partir dessa época.

A leitura de folhetins, em periódicos cuja tiragem chega a atingir o milhão de exemplares em França nos finais do séc. XIX, contribui decisivamente para o sucesso deste género literário. Na segunda metade do séc. XX, o romance histórico, publicado unicamente em volume, continua a ser um género de grande divulgação como o demonstram as tiragens das obras de uma Jeanne Bourin ou de um Robert Merle, autor de que falaremos.

Reinterpretando a história, o romance histórico funciona também na sua dimensão reflexiva sobre o tempo político, social e estético no qual vive o seu autor. Por isso, podemos afirmar que quando existe uma disjunção entre o tempo narrado – que retrata uma época mais ou menos longínqua – e a época em que é escrito o texto literário, a obra gera uma dupla referencialidade histórica. O passado é interpretado à luz do presente ao mesmo tempo que a actualidade vai permitir paralelismos com o passado. O sucesso de uma ficção baseada na História será tanto maior quanto o autor conseguir encontrar um equilíbrio entre o exotismo do passado e a familiaridade do presente. Em regimes e épocas em que a liberdade de expressão política é severamente controlada, falar do passado possibilita uma crítica indirecta ao presente que seria impossível sem esse subterfúgio.

## AS GUERRAS DE RELIGIÃO EM FRANÇA

Na França do séc. XVI, entre os anos de 1562 e 1598, distinguem-se habitualmente oito guerras de Religião com uma duração média de dois anos. Estes conflitos são motivados tanto por questões religiosas como por interesses sucessórios. A intervenção de potências estrangeiras reveste uma particular importância com a Espanha a apoiar os católicos e a Inglaterra e os príncipes alemães a ajudarem os protestantes. Exemplo de uma afirmação religiosa que, ontem como hoje, subjaz a uma vontade política. As tréguas, de pouca duração, resultam de tratados que autorizam com algumas restrições a liberdade de culto e oferecem garantias de segurança aos protestantes. Novos surtos de violência e provocações de parte a parte põem rapidamente fim a equilíbrios de forças: profanações de igrejas e de túmulos de reis; chacinas de padres e matanças de calvinistas. Assim, a paz assinada em Saint-Germain, em Agosto de 1570, será posta em causa com a Matança da Noite de São Bartolomeu de 1572, perpetrada em Paris. A rainha mãe, Catarina de Médicis, inquieta por ver o ascendente que um dos chefes do partido protestante, o almirante Gaspard de Coligny, ganhara sobre o filho, Carlos IX, organiza um atendo contra o almirante durante as bodas de Henrique de Navarra e Margarida de Médicis. O fracasso do assassínio e o perigo iminente de ver os seus autores morais descobertos irão desencadear as hostilidades da noite de São Bartolomeu. Tal é, em todo o caso, a tese de um historiador como Pernot no seu livro *Les guerres de religion en France, 1559-1598*.

Prise à son propre piège, craignant une nouvelle guerre civile, redoutant par-dessus tout d'être découverte, Catherine de Médicis en arrive à l'idée de profiter du rassemblement à Paris des chefs protestants pour les tuer et décapiter ainsi le parti. Mais pour cela il faut un ordre du roi. Exerçant et faisant exercer sur son fils, hésitant et affolé, une pression psychologique et morale permanente, elle lui remontre qu'il y a complot des huguenots, contre sa personne et finit par obtenir l'ordre d'exécution en Conseil privé (p. 79).<sup>2</sup>

Jean Meyer considera que o partido católico de François de Guise é o responsável do assassinato com a conivência não comprovada da rainha mãe. Opinião partilhada por Jean Delumeau que responsabiliza os dois pela matança. Em nada coincidente com esta visão da História, Denis Crouzet mais recentemente no seu monumental *La nuit de la Saint-Barthélémy, un rêve perdu de la renaissance* admite a incerteza quanto aos autores morais do assassinato de Coligny e da matança da São-Bartolomeu. Para este autor, Catarina de Médicis e o rei Carlos IX por terem seguido anteriormente uma política de concórdia não poderiam pactuar com um acto que poderia reacender a guerra civil. Podemos-nos interrogar sobre o sentido de uma tal revisão da História, inaugurada em 1973 pela historiadora inglesa Nicola Mary Sutherland.

Os quatro romances franceses evocados nesta comunicação: *Chronique du règne de Charles IX* de Prosper Mérimée, *La Reine Margot* de Alexandre Dumas, *L'Épopée d'amour* de Michel Zévaco e Paris, *ma bonne ville* de Robert Merle seguem a visão tradicional, e maioritariamente aceite pelos historiadores, da responsabilidade de Catarina de Médicis, do duque de Guise e em menor grau de Carlos IX como adiante veremos.

Quaisquer que sejam os verdadeiros instigadores da matança, o certo é que só nessa noite irão morrer cerca de três mil protestantes, em Paris, incluindo o próprio Coligny. O confronto entre católicos e protestante alastrar-se-á rapidamente à província provocando a quarta guerra de religião.

A violência que reina durante a segunda metade do século XVI devida em grande parte às guerras de religião, levará o historiador Jean Meyer a dizer: “Ces temps ne sont beaux que dans les romans de cape et d'épée.”<sup>3</sup> Apesar da crítica a este sub-género literário, os quatro romances de que iremos falar souberam desenrolar o novelo histórico para construir as suas ficções sem atenuar nem atenuar a crueldade do terrífico episódio da noite de “Saint-Barthélémy” 1572.

#### UM ROMANCE PRECURSOR, A *CHRONIQUE DU RÈGNE DE CHARLES IX*

Mérimée, o autor da novela *Carmem*, assina em 1829 o seu único romance, *1572, Chronique du temps de Charles IX* que terá como título definitivo numa edição posterior, *Chronique du règne de Charles IX*. Apesar deste título com forte consonância histórica, o romance centra-se em personagens de ficção. No capítulo VIII, “Dialogue entre le lecteur et l'auteur”, que funciona no interior da acção como se de um intermédio se tratasse, Mérimée habilmente concede maior importância às personagens de ficção do que aos actores históricos, servindo a História de tela de fundo à ficção. Os factos narrados são introduzidos de forma irónica e correspondem a uma pretensa incapacidade do autor como historiador:

“Je voudrais bien avoir le talent d'écrire une Histoire de France; je ne ferais pas de contes.”<sup>4</sup>

Nesta atitude o autor revela que o seu intuito é mais o de parodiar um género literário do que cumprir fielmente o horizonte de expectativa e o contrato que ele institui com o leitor. Dessa forma Mérimée acaba por criar uma espécie de anti-romance histórico. O capítulo XXI evoca os preparativos do massacre e no seguinte intitulado “Le vingt-quatre août” descreve em apenas nove páginas o episódio da Noite da São Bartolomeu. Na primeira parte do capítulo, que estruturalmente ocupa as páginas 273-278, o leitor acompanha uma das personagens

principais – o capitão George Mergy, católico oriundo de uma família protestante. Este oficial, na noite que precede a matança, deserta para não se ver envolvido na execução de inocentes depois de ter recusado, no capítulo XVII, a sugestão de matar Coligny que o rei lhe fizera.

Je Tiens, à ta place, je l'attendrais au sortir de son... prêche, et de quelque fenêtre je lui lâcherais une bonne arquebusade dans les reins. Parbleu! mon cousin de Guise t'en saurait gré, et tu aurais fait beaucoup pour la paix du royaume. Sais-tu que ce parpaillot est plus roi en France que moi-même? Cela me lasse à la fin... (pp. 227-228).

Na página seguinte descobre-se o nome do autor real do atentado, Maurevel, que recebe por esse feito a alcunha de “tueur du roi”. Charles de Louviers, senhor de Maurevert, é reconhecidamente nas várias crônicas da época quem disparou o arcabuz que feriu Coligny. Mas Mérimée indicando tão claramente o rei como o instigador do crime não faz mais que retomar uma das hipóteses históricas mais correntes.

No capítulo XXII, Mérimée para dar uma caução de veracidade à narração cita logo no primeiro parágrafo, a *Histoire Universelle* de Agrippa d'Aubigné, autor protestante:

[...] selon l'expression énérgique d'un écrivain contemporain, le sang courait de tous côtés cherchant la rivière (p. 273).

Na segunda parte do capítulo, pp. 278-281, o narrador, abandonando provisoriamente as suas personagens, conta como o massacre foi incentivado e amplificado pelos pregadores nas igrejas antes e na sequência do atentado contra Coligny:

Écrasons en une fois, disaient-ils, toutes les têtes de l'hydre, et mettons fin pour toujours aux guerres civiles (p. 278).

Para tal os padres exortavam os fiéis a irem ver uma planta que acabara milagrosamente por reflorescer fora de época num cemitério. O episódio do solo fertilizada pelo sangue dos hereges protestantes funciona como a metáfora de um renascer no reino dos mortos:

Allez au cimetière des Innocents, criaient-ils, allez voir cette aubépine qui vient de reflleurir, comme rajeunie et fortifiée pour être arrosée d'un sang hérétique! (pp. 278-279).

Simbolicamente os espinhos da planta foram considerados pelos católicos parisienses como sendo os da coroa de Cristo. Por isso, o reflorescimento do espinheiro só podia ser considerado como um sinal celeste de assentimento de um massacre purificador visto como uma nova cruzada.

Este motivo do espinheiro que refloresce e das suas consequências vai obviamente reaparecer nos três outros romances como mero apontamento ou muito mais desenvolvido como expressão de fanatismo em Zévaco.

### *LA REINE MARGOT*: DA HISTÓRIA AO ROMANCE

O extraordinário sucesso de *Os Três Mosqueteiros*, em 1844, conduz Dumas a imaginar um extenso projecto: descrever a História de França de Filipe o Belo a Luís Filipe I de que sairá um ano mais tarde *A Reine Margot*. Esta obra, publicada em folhetim no jornal *La Presse*, corresponde ao gosto dos seus leitores de verem ficcionada a História de França. Dumas, explorando habilmente este gosto do público, considera por esse motivo que as personagens dos romances históricos devem estar em consonância com as representações mentais que o leitor tem da época.

[...] il faut que le langage le costume, l'allure même de mes personnages soient en harmonie avec les idées qu'on s'est faite de l'époque que j'essaie de peindre.<sup>5</sup>

Em busca da veracidade no romance, para não falarmos de uma verdade histórica absoluta, Dumas pretende igualmente que o seu “eu” criador desapareça perante a pesquisa documental e quase se dissolva nas crónicas da época descrita.

Nas primeiras páginas de *La Reine Margot*, Dumas enumera os diferentes actores históricos do drama que se vai jogar na noite da São Bartolomeu. Entre eles, o povo de Paris, maioritariamente católico, surge ameaçador logo no início:

Il y avait, malgré la fête royale, et même peut-être à cause de la fête royale, quelque chose de menaçant dans ce peuple (p. 4).

Essa ameaça provém da própria opinião pública, da *doxa*, que se interroga e questiona as alianças entre católicos e protestantes: “Ce mariage avait étonné tout le monde” (p. 4). A opinião pública é designada por meio do pronome indefinido “on” que os linguistas desde Benveniste identificam como uma “não-pessoa”, apesar de neste caso preciso corresponder a um ser colectivo, o povo dotado de um suposto senso comum que interpela as decisões pacificadores do rei.

O povo – de que Michelet fizera na sua História da Revolução um protagonista histórico – é na *Reine Margot* uma personagem temível que observa as aparentes contradições das alianças políticas. No primeiro capítulo, simples observador, o povo vai-se tornar, cinco capítulos adiante, actor do massacre da São Bartolomeu.

No capítulo três, “Un roi poète”, Dumas, optando pela hipótese de Carlos IX como autor moral do assassinato de Coligny, encena uma conversa entre o rei e Maurevel. O monarca manifesta o desejo de ver desaparecer Coligny. Apenas ferido no atentado, o almirante acaba por ser morto na sua residência. Mas contrariamente aos romances de Zévaco e Merle que descrevem a atitude digna e corajosa do velho almirante perante a morte, o leitor presencia unicamente do exterior gritos, barulhos de luta e finalmente o corpo de Coligny defenestrado como se o horror dessa execução fosse indiscriminável.

Retomando o episódio do reflorescimento do espinheiro - tal como é contado pelo cronista da época, Pierre de L'Estoile, no seu *Journal du règne de Henri III* – Dumas fala no capítulo XI, intitulado justamente “L'aubépine du cimetière des innocents” das procissões a este cemitério. O fenómeno considerado como uma milagrosa aprovação do Céu ao massacre, vai encorajar no romance o povo de Paris a continuar o extermínio dos protestantes.

Sobejamente documentado, o romance de Duma surge como um fresco que conta, com bastante precisão, os acontecimentos trágicos de 24 de Agosto de 1572.

#### MICHEL ZÉVACO, A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE UM SOCIALISTA

Foi em 1900, no jornal *La Petite République socialiste*, dirigido então pelo socialista Jean Jaurès, que Zévaco publica o seu primeiro romance histórico em folhetim intitulado *Borgia*.

Entre 20 de Março e 7 de Dezembro 1902 serão publicados 250 folhetins de uma série intitulada *Par le fer et par l'amour*, cujo tema é indicado pelo subtítulo: “Épisode de la Saint-Barthélémy”. Esta obra será posteriormente publicada em dois volumes com os títulos de *Pardaillan* e *L'Épopée d'amour*. Sartre em *Les mots*, livro de memórias literárias, considera *Les Pardaillan* como um romance de capa e espada republicano de que recomenda a leitura a Simone de Beauvoir ainda estudante.

No capítulo X de *L'Épopée d'Amour*, Michel Zévaco explica ao leitor a relação entre ficção e factos históricos. O poder criativo do autor funciona não para alterar a realidade mas sim para completar as lacunas do conhecimento histórico. Compara assim a tarefa do romancista à do paleontólogo e naturalista Cuvier capaz de reconstituir um esqueleto graças a uma só vértebra.

Ce récit se trouve étroitement mêlé à une catastrophe historique: nous avons usé de notre droit d'imaginer non pour inventer de toutes pièces, des personnages ou des faits, mais pour les reconstituer sur un mot, sur un incident, sur une attitude, comme on dit que Cuvier1

reconstituía un animal desaparecido sobre uma simples vértebra. Um exemplo: se a história nos ensina que Orthès, visconde de Aspremont, se promena no dia 24 de agosto com os cães que lhe estavam apegados sobre os huguenotes na rua, o nosso papel é de reconstituir o estado de espírito de esse personagem, o aspecto possível da rua, o pensamento provável da multidão – e nós temos um episódio na narração do qual interveio activamente a nossa vontade sem que ela nos seja possível de ferir a verdade possível, que é sempre a mais verdadeira. (EA, X, p. 789).

Zévacó toma claramente partido a favor das vítimas da chacina – o que aliás é também o caso dos outros escritores da nossa comunicação. Mas provavelmente movido por um anticlericalismo militante é bem mais implacável na acusação do clero não só como autor moral da matança, mas também como participante activo na carnificina. Num jantar alucinante vemos assim dois colossais monges, as sandálias cobertas de sangue, abatidos com um crucifixo aos gritos de “Viva Jesus! Viva a missa!” uma mulher (p. 992). Outro alvo de Zévacó é constituído pelo grupo de poetas, diríamos hoje dos intelectuais, que ignoram o acontecimento num estrondoso silêncio ou, pior ainda, o elogiam. Tal condenação da cumplicidade de muitos artistas está bem patente numa nota de rodapé do autor:

Dorat, Jodelle, Baïf, a plupart des poètes de la Pléiade, se sont déshonorés en écrivant d’ignobles panégyriques du carnage. N’est-ce pas un fait curieux que toujours les massacreurs trouvent des poètes qui les encensent? ou tout au moins des gens qui écrivent en vers... Ronsard et Pontus, par leur silence dédaigneux, protestèrent contre la lâcheté de leurs confrères (p. 1025).

Noutro extremo, entre as vítimas, encontra-se a figura do cientista e humanista protestante, Pierre de la Ramée, conhecido por Ramus (1515-1572), crítico do aristotelismo e duplamente alvo da intolerância religiosa. Uma primeira vez por lhe ter sido vedado o acesso a Genebra pelo sucessor de Calvino, Théodore de Bèze, e dois anos mais tarde ao ser assassinado por católicos durante a São Bartolomeu. Num jantar de horror, o herói, Pardaillan, descobre a cabeça de Ramus decapitada e espetada num pau (p. 1022).

Pardaillan, personagem central do romance de Zévacó, contrariamente aos heróis dos três outros romancistas é a único que não é definida pela sua religião. Em pleno massacre interroga-se sobre a sua fé:

[...] il n’était pas huguenot. Était-il catholique? En réalité, il ignorait l’une et l’autre religion (p. 1027).

Ao invés, os protagonistas principais dos três outros romances aparecem posicionados como seguidores da Reforma. Bernard de Mergy do romance de Mérimée é protestante como

o é o conde de La Mole de Dumas ou o Pierre de Sioriac de Merle. Todos partilham uma visão tolerante do protestantismo. O herói de Dumas, por ter escapado ileso ao massacre milagrosamente, está mesmo disposto, como aliás o próprio Rei de Navarra, a converter-se ao catolicismo.

Militante anticlerical, Zévaco é de todos os escritores o que descreve com maior número de pormenores sangrentos os acontecimentos da São Bartolomeu numa visão horrenda de pesadelo. A multidão, e não só grupos isolados, participa numa alucinada orgia de sangue, de demência colectiva e de retrocesso civilizacional.

[...] à l'embouchure du pont, ils durent s'arrêter. Là, une foule de huit à dix mille forcenés assistait, avec de monstrueux éclats de rire, à un spectacle hideux: chacune des furies que nous avons signalées déchargeait dans la Seine sa hottée d'enfants! Quelle pouvait être l'âme de ces femmes! Quelles haines délirantes avait-on pu déchaîner dans ces esprits!... Puis ce fut le tour des tombereaux que l'on déchargea l'un après l'autre... les cadavres descendirent le fil de l'eau, en de macabres positions, les uns les pieds en l'air, d'autres sur le dos; d'autres dont la face surnageait semblaient regarder les bourreaux de leurs yeux blancs; ils se balançaient mollement, plongeaient, reparaissaient; la Seine charriait ces cadavres paisiblement, et dans le fleuve se formaient des rivières de sang, des lacs rouges, de grandes moires rosées... la foule applaudissait, vociférait, riait, et sa joie devenait de la folie lorsque parmi les cadavres, il se trouvait un blessé pas encore tout à fait mort qui demandait grâce en tâchant de regagner la berge: avec des perches, on les repoussait dans le courant, et tout était dit. (EA, XLII, p. 1027).

Contrariamente às obras de Mérimée e Dumas, em Zévaco o atentado contra Coligny é instigado pela rainha mãe numa entrevista que ela tem com o mesmo Maurevert que agindo como “agente duplo” vê confirmado mais adiante o atentado pelo duque de Guise (p. 752). No início do massacre assistimos à morte de Coligny no seu palácio da rua de Béthisy, às mãos, também neste romance, de Bême. Coligny enfrentando corajosamente o seu carrasco avisa-o citando a Bíblia: “Quiconque se sert de l'épée périra par l'épée”.

Numa tentativa racionalista de explicar o milagre da planta que refloresce, Zévaco conta-nos a história de uma criança, Jacques Clément, que fabricou um espinheiro artificial e o colocou na campa da mãe situado no cemitério. De seguida o reflorescimento é descoberto por um frade que se apodera da planta para mostrar aos fiéis. Graças a este subterfúgio o ânimo dos assassínios redobra e Zévaco conclui com um sarcasmo: “Tel fut le miracle de l'aubépine...” (p. 1032).

## ROBERT MERLE OU A RECONSTRUÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO

*Paris, ma bonne ville*, de Robert Merle, romance datado de 1980, é redigido na primeira pessoa. É construído como se das memórias do narrador se tratasse num intuito de dar maior veracidade aos acontecimentos descritos.

Há! lecteur! J'écris en mon vieil âge ce conte que voilà, et tandis que je trace ces lignes, trente huit ans, je dis bien, trente huit ans après mon arrivée en Paris, le nœud de ma gorge se noue et à peu que les larmes ne me jaillissent de l'œil [...] (IV, p. 175).

A narração emprega uma língua próxima do Francês de quinhentos, tanto no léxico como na sintaxe. Para facilitar a leitura, o autor anexou um glossário de dez páginas de arcaísmos e de regionalismos. O sucesso editorial desta saga deve-se em parte a esta escolha estilística de reconstrução formal do romance histórico.

Como os seus predecessores, Robert Merle além de utilizar personagens históricas, refere-se igualmente a testemunhas que nas suas obras retrataram a época. Evoca longamente figuras como Montaigne, arquétipo do escritor humanista (pp. 137-153, 156, 364 e 572 numa referência aos *Essais*), em passant Rabelais e Ronsard (p. 257), cita Agrippa d'Aubigné criticando Catarina de Médicis "*Elle est l'âme de l'Etat, elle qui n'a pas d'âme*" (p. 508). Outro autor que se torna autêntica personagem do romance é Pierre de l'Estoile (1546-1611) escrito na grafia moderna sem o "s" depois do "e" inicial. Católico moderado, apoiou o rei Henrique IV e deixou nas suas memórias escritas entre 1574 e 1610, o essencial dos acontecimentos políticos e sociais da época. Descrevendo os costumes da burguesia parisiense é uma testemunha de primeira mão utilizada pelos historiadores. A sua obra ajudou Merle na redacção de *Paris, ma bonne ville* quando evoca detalhadamente a vida quotidiana<sup>6</sup>. Outra fonte importante revelada indirectamente pelo autor, Pierre de Bourdeille, senhor de Brantôme (1537?-1614), é apresentado como sendo aliado da personagem principal (p. 239) e grande conhecedor das intrigas da Corte (p. 476). Aliás, Merle ao falar de Margarida de Valois acusa Brantôme de calúnias por insinuar que a princesa tivera amores incestuosos com o irmão, o duque de Alençon. A personagem de Merle, Pierre de Sioriac, oriundo da pequena nobreza da província, por ser médico trava conhecimento com o cirurgião da Corte, Ambroise Paré, e com o humanista Pierre de la Ramée (pp. 299-313). O exercício da medicina mais que a sua pertença social permite a Pierre de Sioriac frequentar tanto a corte como o povo. Robert Merle, ao invés dos seus predecessores, que só tinham da história a perspectiva dos historiadores do século XIX (retratar os grandes homens e relatar a importância que tiveram no desenrolar de acontecimentos marcantes), não descarta uma visão quase didáctica de uma

geografia humana assente na descrição sensorial da França quinhentista com as suas cores, odores e pregões.

Merle insiste, bem mais do que os outros três romancistas, no perigo de se ser protestante em Paris, antes mesmo do massacre de 24 de Agosto, tendo em conta o ódio que a população católica da capital nutria pelos seguidores da Reforma. Menos categórico que os seus predecessores, Merle deixa numa certa indefinição a autoria moral do atentado contra Coligny. O leitor é assim confrontado com as incertezas de muitos protestantes que como Téligny, genro de Coligny, acreditou até ao fim na boa fé do rei de França e no inquérito oficial ilibando a Corte.

O episódio da Noite de São Bartolomeu é anunciado ao longo do romance preparando a expectativa do leitor. É preciso, contudo, esperar pelo penúltimo capítulo para assistir à matança que é desencadeada pelos sinos que tocam a rebate por ordem de Carlos IX e pelo massacre de nobres do séquito do rei de Navarra que se encontravam no Louvre.

Dès que Charles eut donné le signal de la meurtre générale en faisant sonner la grosse cloche de Saint-Germain l'Auxerrois, M. de Nançay vint trouver ces malheureux en la garde-robe de Navarre et leur dit que d'ordre du roi, ils eussent à se rassembler dans la cour du Louvre. [...] Mais à peine eurent-ils mis le pied dans ladite cour que, tout soudain enveloppés par les gardes, ils furent désarmés, poussés hors des murs, et assassinés. (IX, p. 507).

O massacre ocupa metade do capítulo IX com o assassinato do almirante de Coligny e continua no capítulo seguinte onde o corpo decapitado é resgato do Sena. Neste capítulo assiste-se essencialmente à matança de protestantes anónimos.

O episódio do reflorescimento do espinheiro é habilmente narrado através da conversa entre comadres que comentam o acontecimento; evitando assim uma tomada de posição do narrador sobre a verosimilhança deste episódio:

Notre bon curé de Saint-Séverin dit que la chose est claire et que Dieu nous veut par là signifier que l'Eglise va tout soudain refleurir par la mort des hérétiques. – C'est mon Dieu vrai de vérité vraie! cria la vieille aux bajoues. Et bien la preuve de Jésus qu'on n'en a pas occis assez! (p. 562).

*Paris, ma bonne ville*, último romance deste nosso corpus manifesta como está ainda bem vivo no imaginário colectivo, e por isso na ficção, a tragédia da Noite de 24 de Agosto de 1572.

As obras em estudo pertencendo a um subgénero do romance histórico, o romance de capa e espada, não se podem comparar do ponto de vista da estética literária a uma *Cartuxa de Parma* de Stendhal, a uma *L'éducation sentimentale* de Flaubert, nem a outro romance de Merle, *Week-end à Zuydcoote*. Para além do seu valor literário intrínseco todos eles traduzem a extrema popularidade da França de quinhentos na literatura e no imaginário dos séculos XIX e XX.

## Notas

1 Georges Lukacs, *Le roman historique*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1977, préf. à l'édition française par Claude-Edmonde Magny, p. 17.

2 A responsabilidade da Rainha mãe é corroborada pelo relato da filha, a princesa Margarida de Valois: “Le roy Charles, qui estoit tres prudent, et qui avoit esté toujours tres-obeissant à la Roynne ma mere, et prince tres-catholique, voyant ainsi de quoy il y alloit, prist soudain resolution de se joindre à la Roynne sa mere, et se conformer à sa volonté, et garantir sa personne des huguenots par les catholiques; [...]”, in *Mémoires et lettres de Marguerite de Valois*, nouvelle édition, revue sur les manuscrits des Bibliothèques du Roi et de l’Arsenal et publiés par M. F. Guessard, Paris, Jules Renouard et Cie, 1842, p. 31.

3 Jean Meyer, *La France Moderne, De 1515 à 1789*, Paris, Le livre de Poche, 1997, p. 200.

4 Prosper Mérimée, *Chronique du règne de Charles IX*, éd. Prés., établie et annotée par Pierre Josserand, Paris, Gallimard, coll. Folio n.º 982, 2002, p. 133.

5 Citado por Claude Schopp no seu prefácio à edição crítica da obra, p. LXI.

6 Merle, num prefácio justamente a obra de Pierre de L’Estoile, *Mémoires-Journaux, 1574-1611, Reproduction intégrale de l’édition Jouaust et Lemerre complétée des inédits découverts ultérieurement, Avec de nombreuses illustrations*, Tome I, *Journal de Henri III, 1574-1580*, Tallandier, comenta:

“C’est peu de dire que j’ai lu et relu Pierre de l’Estoile. Il est devenu, au fil des ans, mon ‘intime et immuable ami’, à telle enseigne que j’ai transféré cette amitié à Pierre de Sioriac, dans *Paris, ma bonne ville* [...]”

## Referências Bibliográficas

- AUBIGNÉ, Agrippa d' (1886-1909), *Histoire universelle*, Paris, Alphonse de Ruble éd., 10 vols..
- CROUZET, Denis (1994), *La nuit de la Saint-Barthélémy, un rêve perdu de la renaissance*, Paris, Librairie Arthème Fayard.
- DUMAS, Alexandre (1992), *La Reine Margot; La Dame de Monsoreau*, éd. Etablie par Claude Schopp, Paris, Ed. Robert Laffont.
- LUKACS, Georges (1965), *Le roman historique*, préf. de Claude-Edmonde Magny, Paris, Petite Bibliothèque Payot.
- MÉRIMÉE, Prosper (2002), *Chronique du règne de Charles IX* (éd. Prés., établie et annotée par Pierre Josserand), Coll. Folio, n.º 982, Paris, Gallimard.
- MERLE, Robert (1980), *Paris ma bonne ville*, Plon.
- MEYER, Jean (1997), *La France Moderne, De 1515 à 1789*, Paris, Le livre de Poche.
- MEYER, Jean (1972), *Nouvelle Revue Française*, 2<sup>ème</sup> série, 1953..., n.º 238, octobre: spécial Roman historique, J. Le Goff, M. Tournier, M. Yourcenar.
- PERNOT, Michel (1987), *Les guerres de religion en France, 1559-1598*, Paris, SEDES.
- PEYRACHE-LEBORGNE, Dominique; COUÉGNAS, Daniel (préf., postface et dir.) (2000), *Le roman historique, Récit et histoire*, Nantes, Pleins feux.
- PEYRACHE-LEBORGNE, Dominique; COUÉGNAS, Daniel (1995), *Poétique, revue de théorie et d'analyse littéraire*, Paris, Seuil, n.º 101, février: Sherlock Holmes (sur), le roman historique, roman d'aventures et la mort, Les liaisons dangereuses.
- PEYRACHE-LEBORGNE, Dominique; COUÉGNAS, Daniel (1975), *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, A. Colin, n.ºs 2-3, Mars-Juin: Le Roman historique.
- ZÉVACO, Michel (1988), *Les Pardaillan*, Paris, Ed. Robert Laffont.